

UMA BREVE LEITURA DO *TRISTRAM SHANDY* A PARTIR DE NIETZSCHE

Nadier Pereira dos Santos¹

RESUMO: A influência de Laurence Sterne na história da literatura é bastante conhecida. Seus rastros são perceptíveis através do tempo em autores como Xavier de Maistre, Machado de Assis, Virginia Woolf e Enrique Vila-Matas. No entanto, este artigo tem por objetivo explorar os motivos pelos quais *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy* despertava a admiração do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Com criatividade e senso de humor, Sterne relativiza as supostas verdades definitivas prometidas no contexto do século XVIII pela religião e pela razão filosófica ou científica do Iluminismo. Assim, este trabalho propõe uma breve leitura do *Tristram Shandy*, tentando enfatizar elementos que podem ser encontrados nas propostas de revisão crítica do conhecimento humano e de sua noção de verdade trazidas por Nietzsche no século XIX.

Palavras-chave: Sterne; Nietzsche; ficção.

A BRIEF READING OF *TRISTRAM SHANDY* FROM NIETZSCHE

ABSTRACT: Laurence Sterne's influence on the history of literature is well known. His traces are noticeable through the time in authors such as Xavier de Maistre, Machado de Assis, Virginia Woolf and Enrique Vila-Matas. However, this article aims to explore the reasons why *The life and opinions of Tristram Shandy, gentleman* aroused the admiration of the German philosopher Friedrich Nietzsche. With creativity and sense of humor, Sterne relativizes the supposed definitive truths promised in the context of the 18th century by religion and philosophical or scientific reason of the Enlightenment. Thus, this paper proposes a brief reading of *Tristram Shandy*, trying to emphasize elements that can be found in the proposals of critical review of human knowledge and its notion of truth brought by Nietzsche in the 19th century.

Keywords: Sterne; Nietzsche; fiction.

Desde sua publicação na segunda metade do século XVIII até os dias de hoje, *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, produto do engenho de Laurence Sterne, é celebrado enquanto referência de criatividade e liberdade literárias ilimitadas. Seu autor, tratando, acima de tudo, de dar livre passagem ao riso ao longo de seus nove volumes, utilizou e articulou entre si uma série de elementos inovadores que possibilitaram, entre outras coisas, construir um enredo que rompe bruscamente com a linearidade do relato. Através da

¹ Mestre em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. nadiers@yahoo.com.br

posição de um narrador que traz para dentro do texto a denúncia e a discussão dos artifícios criativos da construção narrativa, Sterne inseriu um número incontável de digressões e alterou a distância estabelecida entre leitor e texto, assim como a relação existente entre realidade e ficção.

Ao discutir o controle do imaginário sobre a ficcionalidade do romance, Luiz Costa Lima (2009, p. 325) afirma que “de tal modo Sterne avança sobre seu tempo que sua figuração do controle não só esclarece o peso que recaía sobre os contemporâneos como o que continuará ativo no século XIX”. O “espírito” ao mesmo tempo leve, minucioso, irônico, reflexivo e, sobretudo, altamente criativo de Sterne continuou despertando a admiração de leitores e escritores muito tempo depois de sua publicação. Por exemplo, Machado de Assis (2004, p. 67), falando a partir de Brás Cubas, afirma já no prólogo de *Memórias póstumas de Brás Cubas* que adotou “[...] a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre [...]”. Interessante lembrar aqui que a grande referência literária do próprio Xavier de Maistre (1763-1852), autor de *Viagem em volta do meu quarto*, foi Sterne. Inegavelmente, após o século XIX, as consequências do *Tristram Shandy* continuam a ter seus desdobramentos no curso das mudanças observadas na literatura. Nesse sentido, José Paulo Paes (1998, p. 8) afirma que a ficção do século XX reconhece em Sterne “[...] o mais genial e o mais radical de seus precursores, a ponto de romancistas como Virginia Woolf, James Joyce, Samuel Beckett e Michel Butor, entre outros, terem-lhe sofrido o influxo”.

Com o intuito de valorizar e enfatizar a percepção do alcance das liberdades e inovações propostas por Sterne em seu contexto, destaca-se aqui que o filósofo Friedrich Nietzsche reservava opinião muito favorável ao escritor irlandês. Em uma única, mas bastante elogiosa e significativa seção² presente no segundo volume de seu *Humano, demasiado*

² “Nele não se deve celebrar a melodia fechada, clara, mas a ‘melodia infinita’: se com esse termo se designar um estilo de arte em que a forma determinada é continuamente quebrada, adiada, retraduzida de volta ao indeterminado, de modo a significar uma coisa e ao mesmo tempo outra. Sterne é o grande mestre da *ambiguidade* – tomando-se essa palavra numa acepção bem mais ampla do que comumente se faz, quando se pensa nas relações entre os sexos. Estará perdido o leitor que a todo momento quiser saber exatamente o que Sterne pensa de fato sobre uma coisa, se diante dela faz uma expressão séria ou sorridente: pois ele consegue ambas com *um só* franzir do rosto; também sabe e inclusive deseja, ter e não ter razão simultaneamente, entremesclar profundidade e farsa. Suas digressões são, ao mesmo tempo, continuações da narrativa e elaborações da história; suas sentenças incluem também uma ironia com tudo que é sentencioso, sua aversão pela seriedade vem unida a uma inclinação a não poder olhar nenhuma coisa de modo apenas exterior e superficial. Assim ele produz, no leitor certo, uma sensação de incerteza quanto a se está andando, parado ou reclinado: uma sensação bastante afim àquela de flutuar. O mais maleável dos autores, ele também transmite ao seu leitor um tanto dessa maleabilidade. Sim, ele troca inadvertidamente os papéis, e logo é tanto leitor como autor; seu livro semelha um espetáculo dentro do espetáculo, um público teatral ante um outro público teatral. Há que se render incondicionalmente ao capricho de Sterne – podendo-se esperar que ele será clemente, bastante clemente.” (NIETZSCHE, 2008. p. 56-57)

humano, Sterne é classificado enquanto “o grande mestre da *ambiguidade*”, o “[...] escritor mais livre de todos os tempos, em relação ao qual todos os demais parecem rígidos, atarracados, intolerantes e francamente rústicos” (NIETZSCHE, 2008, p. 56). Além disso, para compreender a admiração de Nietzsche pela ambiguidade de Sterne, basta que se leia, por exemplo, *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, de 1873. Para o filósofo alemão, o homem é a mais frágil das criaturas, no entanto, apropriou-se do mundo através da linguagem e dos conceitos, instalando-se confortavelmente nesse frágil ordenamento em meio ao caos do universo completamente indiferente às suas conquistas. A história do homem é um capítulo ínfimo dentro do universo. Ao achar que através de seus frágeis instrumentos descobriu algo relacionado às coisas mesmas, uma verdade incontestável, e não uma mera interpretação mediada por seus sentidos, o homem cometeu um ato de desmedida soberba, acreditando que todo o ordenamento do universo girava em torno de seus objetivos. Que logo nesse ser frágil, que seria o primeiro a sucumbir sem o auxílio de seu intelecto, surgisse algo como um “impulso à verdade” (NIETZSCHE, 2007, p. 28) é algo incompreensível, sendo, dessa maneira, necessário denunciar o caráter parcial e arbitrário de todos esses conhecimentos, uma vez que a linguagem é capaz apenas de designar a relação das coisas com o homem por meio de ousadas metáforas: num primeiro momento, a transposição de um estímulo nervoso em uma imagem, depois, a imagem remodelada num som. O edifício do conhecimento está, portanto, assentado sobre abstrações conceituais, Nietzsche então conclui que a verdade é:

Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal e não mais como moedas. (NIETZSCHE 2007, 36-37)

Em consonância com isso, leia-se a citação do filósofo estoico Epicteto escolhida por Sterne como epígrafe para o primeiro e segundo volumes do *Tristram Shandy*: “Não são as coisas propriamente ditas, mas as opiniões concernentes a elas, que perturbam os homens”. Não é de se espantar, portanto, que Nietzsche admirasse a ambiguidade, a ironia com o sentencioso e as liberdades levadas a cabo por Sterne, que faz com que clássicos como Platão, Aristóteles, Sêneca e Cícero, modernos como Erasmo, Descartes e Locke, e representantes da

ciência como Hipócrates, Galileu e Bacon coexistam, somente para citar alguns exemplos, com um estudo sobre a circuncisão, um tratado sobre o vestuário romano, um livro sobre crianças-prodígio, uma fórmula de excomunhão – ou de maldição – da Igreja de Roma, reflexões sobre o parto feito pela cabeça ou pelos pés, sobre narizes, sobre nomes de batismo, ou uma deliberação de doutores da Sorbonne acerca do batismo de crianças ainda no útero materno em decorrência de complicações no parto. Se, por um lado, as muitas citações e referências eruditas que são chamadas ao texto denunciam o autor enquanto grande leitor, por outro, não demorarão a recair indefectivelmente numa reconfiguração de tom humorístico, seja por meio da ironia, da paródia ou das associações e utilizações descabidas. É nesse sentido que, por exemplo, o narrador ironiza a lógica e sua nomenclatura pomposa ao “generosamente” propor “ao TESOURO da *Ars Logica*” (STERNE, 1998, p. 98), entre outros, o *Argumentum Fistulatorium* e o *Argumentum Baculinum*³.

Entretanto, um caso particular se destaca: Sterne parodia em diversos momentos as ideias do filósofo inglês John Locke, uma das fontes do racionalismo “ilustrado”, contidas no *Ensaio sobre o entendimento humano*, de 1690, para justificar seu método de construção narrativa e obter efeitos risíveis a partir de formulações que versam sobre, por exemplo, os sentidos e a memória, especialmente, e, não por acaso, basta que se atente para o caráter marcadamente digressivo da obra, no que se refere à associação das ideias, como se verá adiante.

Mas, a despeito de todos os usos deslocados de referências históricas, filosóficas e científicas, o total sucesso de Sterne não teria sido alcançado sem a criação de personagens que possibilitassem que a narrativa se passe em um meio provinciano e familiar, onde os *hobby-horses*⁴ dão ensejo ao desenvolvimento de situações e diálogos deslocados onde o humor sempre toma a frente ante qualquer tentativa de seriedade. Os *hobby-horses* das personagens possibilitaram à Sterne construir sua narrativa com êxito semelhante ao obtido

³*Argumentum Fistulatorium*: literalmente, “argumento do que toca a flauta”, ou seja, do que assobia, vaia. *Argumentum Baculinum*: literalmente, “argumento do pau”, vale dizer, do mais forte. Cf. José Paulo Paes nas notas à edição de *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, 1998, p. 608.

⁴Noção importantíssima para o desenvolvimento do *Tristram Shandy*, *hobby-horse* significa tanto o brinquedo conhecido como “cavalinho de pau” quanto uma distração ou assunto favorito. Cf. José Paulo Paes nas notas à edição de *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, 1998, p. 603. O *hobby-horse* representa para Sterne uma dedicação excessiva de alguém a um lazer, a um passatempo ou a um assunto preferido que o faz escapar, ao menos temporariamente, ao estrito mundo da seriedade e da racionalidade e à qual estão sujeitos mesmos os homens mais sábios. Costa Lima (2009, p. 332) acrescenta que “[...] o *hobby-horse* é uma ‘doença’ que particulariza os Shandy. Semelhante a uma mania, reduz o relacionamento deles com o mundo a um circuito fechado em que a ligação entre umas poucas coisas concentra todo o interesse que o mundo é capaz de provocar neles”.

por Cervantes, autor bastante admirado por Sterne, ao fazer com que os contrastes estabelecidos entre Dom Quixote e Sancho Pança fossem a força motriz que permitiu o desenvolvimento de boa parte do enredo do *Dom Quixote*. Assim, Walter Shandy, pai do narrador, que com seu humor ácido, seu pendor à racionalização, à especulação e ao discurso persiste em sua obstinação por ter um raciocínio próprio e recusar as opiniões comuns, criou para si uma erudição esdrúxula, capaz de abranger assuntos que relacionam, por exemplo, o sucesso do indivíduo com as condições de concentração dos pais no momento de sua geração, as características do nariz e a escolha do nome de batismo, contrasta com Toby, seu irmão, de caráter bondoso, casto e ingênuo, ex-combatente ferido em batalha e monomaniaco dos assuntos militares a ponto de não desperdiçar nenhuma oportunidade para utilizar seu vasto vocabulário específico ou de não abrir mão de qualquer recurso para reproduzir em miniatura os movimentos de batalhas reais, com todas as suas fortificações e estratégias possíveis. Daí que os discursos por meio dos quais Walter tenta fazer fruir toda sua erudição são constantemente interrompidos ou impedidos pelo prosaico irmão Toby, pelo fiel e exageradamente deferente criado deste último, o cabo Trim, ou pela submissão e ausência de dom especulativo da esposa Elizabeth. Somem-se a isso as discussões entre o católico Dr. Slop e os demais personagens protestantes, por vezes mediadas pelo bem-humorado pároco Yorick, ou ainda os episódios que envolvem os criados Obadiah e Susannah.

De acordo com Paes (1998, p. 27), Walter, Toby e Tristram, o narrador, consistem em “[...] três excêntricos a cultivar com fanática intensidade os seus *hobby-horses* ou passatempos: um a teorização de bagatelas, outro as guerras de brinquedo, e o terceiro os caprichos de sua pena incuravelmente digressiva”. Para construir a narração, Sterne tira proveito justamente do fato de que o *hobby-horse* “[...] cria o risco de os personagens, embora vivendo em um ambiente comum, habitarem em mundos paralelos, sendo vozes que propriamente não se escutam” (COSTA LIMA, 2009, p. 344). Ainda a respeito dos *hobby-horses*, no primeiro volume do romance, encontra-se:

[...] não tiveram os homens mais sábios de todas as épocas, sem exceção do próprio Salomão – seus CAVALINHOS DE PAU; - seus cavalos de corrida, - suas moedas e seus barquinhos, seus tambores e suas cornetas, seus violinos, suas paletas, - suas larvas e suas borboletas? – e tanto quanto um homem faça o seu CAVALINHO DE PAU trotar pacífica e tranquilamente pela estrada real, sem obrigar nenhum de nós a subir-lhe à garupa, - digei-me, que temos nós ou o senhor a ver com isso? (STERNE, 1998, p. 53)

Portanto, se Walter dá abertura para ironizar o conhecimento humano, uma vez que todas as suas referências são o impulso necessário para a paródia, os ex-combatentes Toby e Trim relativizam os horrores de um século marcado pelas guerras entre Inglaterra e França ao reproduzirem, à maneira de jogos infantis, fortificações que representam de maneira miniaturizada os rumos tomados pelos violentos embates em curso tal como os apresentam os jornais que os dois aguardam e leem com inquietação. Isso possibilita manter o tom ameno do enredo ao mesmo tempo em que ridiculariza o “projeto humano” em pleno influxo do Iluminismo. É essa configuração que permite ao autor passar, como se encontra na epígrafe eleita para o terceiro e quarto volumes do romance, “[...] do jocoso ao sério, e do sério ao jocoso, alternativamente”.

A retórica edificante e moralista também é alvo de Sterne. Destacam-se aqui dois episódios. No primeiro deles, após ser atormentado por uma mosca durante todo o jantar, tio Toby a apanha, dirige-se à janela e a deixa livre, afirmando que o mundo é suficientemente grande para os dois. O narrador, que tinha dez anos de idade quando presenciou essa “lição de boa vontade universal” (STERNE, 1998, p. 135), afirma que a cena jamais saiu de sua mente, que deve metade de sua filantropia a essa impressão acidental e conclui com a sentença: “Isto é para servir a pais e governantes, em vez de um livro inteiro a respeito do assunto” (STERNE, 1998, p. 135). No outro momento aqui destacado, o cabo Trim é desafiado a recitar o *Catecismo*, mas, ao ficar claro que só poderia fazê-lo de maneira mecanizada, como o são alguns exercícios militares, ou seja, começando do primeiro e seguindo até o décimo, Walter, maliciosamente, o desafia a associar alguma ideia ao que recitou, especificamente no que diz respeito a “honrar Pai e mãe”, ao que o cabo responde: “[...] um pêni e meio por dia, tirados de meu salário, quando eles estiverem velhos” (STERNE, 1998, p. 376). A resposta faz o pároco Yorick pular de sua cadeira, tomar o cabo pela mão e considerá-lo o melhor dos comentadores dessa parte do Decálogo.

É pertinente lembrar que Sterne era membro da Igreja Anglicana e que aproveitou o sucesso dos dois primeiros volumes do *Tristram Shandy* para publicar seus sermões, mas os publicou sob o título de *Os sermões de Yorick*. O problema é que no *Tristram Shandy* Sterne faz de Yorick um remoto descendente do bufão real de mesmo nome cujo crânio aparece na famosa cena do cemitério de *Hamlet*. Como era de se esperar, publicar sermões religiosos sob a autoria de um bufão causou escândalo. Em maio de 1760, a revista *Monthly Review* dá mostras de sua indignação: “Alguém levaria a sério um pregador que subisse ao púlpito com

um casaco de palhaço?” (*apud* COSTA LIMA, 2009, p. 354). Além disso, são inúmeros os episódios nos quais são narradas de maneira velada situações de índole sexual e a constante exploração da duplicidade de sentido de algumas palavras e expressões idiomáticas de cunho obscuro que de forma alguma convinham ao representante de uma instituição religiosa. Em outros momentos, posturas inadequadas à sua posição aparecem de maneira nada velada, como se lê no sétimo volume: “Abençoado Júpiter! e abençoados todos os demais deuses e deusas pagãs! pois então voltareis à cena, e com Priapo à vossa cola – que tempos mais risonhos!” (STERNE, 1998, p. 463).

Outro procedimento de Sterne consiste em apropriar-se ou transfigurar o texto alheio. Assim, no início do quinto volume, Sterne arremete ironicamente contra os plagiadores no momento em que ele próprio plagia *Anatomia da melancolia*, de Robert Burton⁵. Além disso, há alterações na citação destinada às epígrafes do terceiro e quarto volumes⁶ e nas duas citações de Horácio e de Erasmo destinadas às epígrafes do quinto⁷. Finalmente, acrescenta-se que “um trecho do *Gargantua* aparece transcrito, sem indicação de fonte, no capítulo 29 do Livro V [...]” (PAES, 1998, p. 21) e que o “Conto de Slawkenbergius”, que abre o volume quarto, consiste em texto e autor inventados pelo próprio Sterne (PAES, 1998, p. 22), ocasião na qual o narrador, sem contentar-se, dá-se ao trabalho de “transcrever” parte do suposto original em latim, não sem antes acrescentar-lhe uma nota:

Como Hafen Slawkenbergius de Nasis é obra extremamente rara, talvez não desagrade ao leitor culto examinar a amostra de umas poucas páginas do original; não farei nenhuma outra reflexão a propósito senão a de que o seu latim narrativo é muito mais conciso do que o seu latim filosófico – e, ao meu ver, tem mais cunho de latinidade. (STERNE, 1998, p. 247)

No *Tristram Shandy*, a volubilidade do narrador e as digressões, responsáveis por três-terços do livro, estão em consonância, como já assinalado anteriormente, com a relação que Sterne estabelece com algumas das ideias desenvolvidas por Locke no *Ensaio sobre o entendimento humano* no que concerne à associação das ideias. Nesse sentido, Costa Lima esclarece que

⁵ Cf. José Paulo Paes nas notas à edição de *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, 1998, p. 624.

⁶ Nas notas à edição de *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, 1998, p. 614, José Paulo Paes esclarece que Sterne alterou as últimas palavras da citação, pertencente ao *Policraticus* de John of Salisbury (1115-80), clérigo e erudito inglês, bispo de Chartres.

⁷ Cf. José Paulo Paes nas notas à edição de *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, 1998, p. 624.

[...] a frequência dos *hobby-horses* em *Tristram* é todo o contrário de uma homenagem à teoria lockiana das ideias. Como uma obsessão que cerca os personagens principais, o *hobby-horse* manifesta o que Sterne pensa sobre os processos da cognição humana: eles não podem ser explicados pelo privilégio concedido ao que é simplesmente externo à mente. (COSTA LIMA, 2009, p. 332)

Ainda segundo Costa Lima (2009, p. 335), o *Tristram Shandy* é marcado pela “[...] causalidade viciada do *hobby-horse* - precisamente porque não provocada por uma razão material, e, sim, pelo que chamamos de simbolização distorcida [...]”. De maneira complementar, Paes (1998, p. 28) afirma que as falas se articulam no *Tristram Shandy* pela “[...] associação ocasional de ideias tida por Locke como doentia e a que ele dava o nome de *loucura* [...]”, pois são operadas principalmente por uma paixão irracional. Ainda para Paes, a maior divergência estabelecida entre Sterne e o filósofo se dá no que concerne à concepção negativa dada por este último ao *wit*, agudeza, em relação ao *judgement*, juízo. Para Locke (*apud* PAES, 1998, p. 28), enquanto o *wit* agrupa as ideias ludicamente “[...] com rapidez e variedade, onde divisa qualquer semelhança ou congruência, construindo imagens e visões agradáveis à fantasia”, o *judgement* empenha-se cuidadosamente em “separar as ideias entre si [...] evitando equivocar-se por causa de suas similitudes”.

A recusa por parte de Sterne fica ainda mais clara quando Costa Lima traduz *wit* enquanto “chiste” e *judgement* enquanto “juízo” e destaca dois trechos do *Ensaio sobre o entendimento humano* onde Locke demonstra sua contrariedade ante o *wit* em relação ao *judgement*. No primeiro trecho, lê-se que “[...] Homens que têm um grande estoque de chistes e memórias rápidas nem sempre têm o juízo mais claro ou a razão mais profunda” (LOCKE *apud* COSTA LIMA, 2009, p. 336). Segue abaixo o segundo trecho:

(As) ideias simples, os materiais de todo nosso conhecimento, são sugeridas e fornecidas à mente apenas pelos dois modos acima mencionados, a saber, a sensação e a reflexão. Uma vez que esteja o conhecimento provido dessas ideias simples, tem ele o poder de repeti-las, compará-las e uni-las, mesmo em uma variedade quase infinita e pode assim formar à vontade novas ideias complexas. *Mas não está no poder do chiste mais exaltado ou do entendimento ampliado, qualquer que seja a rapidez ou variedade de pensamento, inventar ou emoldurar (to frame) uma nova ideia simples na mente.* (LOCKE *apud* COSTA LIMA, 2009, p. 336)

Em suma, incapaz de prescindir tanto de seus *hobby-horses* quanto do chiste para a construção de seu romance, Sterne fez da filosofia de Locke um alvo. Claro exemplo disso se encontra já no início do primeiro volume, na associação de ideias que advém à cabeça da senhora Shandy no exato momento em que seu marido cumpria um de seus “pequenos

cuidados familiares” (STERNE, 1998, p. 49) reservados à primeira noite de domingo de cada mês, e que culminou na pergunta que prejudicou o instante da concepção do narrador, seu primeiro infortúnio: “*Por favor, meu caro, [...] não te esqueceste de dar corda ao relógio?*” (STERNE, 1998, p. 46). Assim o narrador explica o acontecimento:

[...] por uma inditosa associação de ideias, sem nenhuma conexão entre si na natureza, aconteceu de a minha pobre mãe não mais suportar ouvir ao dito relógio ser dada a corda, - sem pensamentos de outras coisas inevitavelmente lhe virem à cabeça - & vice-versa: - estranha combinação de ideias que o atilado Locke, o qual certamente compreendia, melhor do que muita gente, a natureza dessas coisas, afirma ter produzido mais ações errôneas do que todas as demais fontes de danos. (STERNE, 1998, p. 49)

Paes (1985, pp. 47-48), ao comparar os contextos da escrita de Sterne e de Machado de Assis, assinala que na época do *Tristram Shandy* as extravagâncias advindas tanto de uma escolástica já muito velha quanto de uma ciência experimental ainda muito nova podiam ser satirizadas de alma leve, pois “[...] a alegria de viver do humanismo rabelaisiano se prolongava no otimismo zombeteiro da Época das Luzes, a qual, por acreditar na bondade inata do homem natural, podia rir-se sem amargura dos seus ridículos sociais”. Já no caso de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, as causalidades ou condicionamentos inexoráveis da ciência determinista, do positivismo dogmático e do capitalismo selvagem ameaçam o homem, tendo por resultado que “a amargura do sentimento deteve o voo vadio da forma; a aspereza do vinho corroe a ingenuidade de labores da taça”. É justamente nesse contexto do século XIX que a liberdade e o poder de deslocar e relativizar de Sterne, aliados obviamente à sua qualidade artística, que justificam a admiração de Nietzsche, que via na realização artística do autor a postura e a leveza necessárias ao homem a que se destinavam suas propostas de revisão dos conceitos e fundamentos morais e metafísicos solidamente justificados há séculos. A passividade de seus contemporâneos leva o filósofo a escrever que “[...] na indiferença de seu não-saber, o homem repousa sobre o impiedoso, o voraz, o insaciável, o assassino, como se, em sonhos, estivesse dependurado sobre as costas de um tigre” (NIETZSCHE, 2007, p. 29).

Operando uma série de deslocamentos, seguindo seu admirado Rabelais, “[...] que não poupava a vazia metafísica dos doutores da Sorbonne [...]” (PAES, 1998, p. 22), Sterne alcança seu objetivo irônico e questionador com vistas ao riso, trazendo para o espaço da escrita literária uma pluralidade de discursos inaceitável para hierarquização predominante nos diversos campos do saber. Ao que parece, para Sterne, tudo se resume a uma questão de

escrita, esta se situa acima de tudo, é um jogo, o espaço possível da liberdade imaginativa que multiplica a vida. No *Tristram Shandy*, diversas passagens revelam essa relação entre escrita e vida. Nesse sentido, no quarto volume, o narrador afirma: “[...] vejo que viverei, escrevendo, uma vida tão boa quanto a que levo vivendo; ou, em outras palavras, viverei duas vidas excelentes a um só tempo” (STERNE, 1998, p. 283). Em outra passagem, agora no sexto volume, lê-se: “Mas isso nada tem a ver com a história – Por que o estou mencionando aqui? – Perguntai à minha pena, - é ela quem me governa – não eu a ela” (STERNE, 1998, p. 397). As práticas de Sterne parecem encontrar eco nas seguintes palavras de Roland Barthes a respeito da literatura:

[...] a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta [...] A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. [...] a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático. (BARTHES, 2007, pp. 18-19)

No *Tristram Shandy*, os discursos científicos, históricos e filosóficos circulam ao alcance dos deslocamentos possibilitados pelo senso-comum e a partir de diversos níveis de linguagem, tais como o científico, o solene, o erudito e o coloquial. Acima das classificações conceituais vigentes, Sterne percebe a incapacidade de totalizar a experiência e busca uma espécie de contrassistema, de quebra das hierarquias e das convenções de modo a ampliar os limites da escrita literária e estreitar suas relações com o mundo. Em suma, sem subordinar a complexidade da experiência, busca na heterogeneidade proporcionada pelo texto literário mais que um saber, uma atitude ante a vida.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BARTHES, Roland. *Aula*: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

COSTA LIMA, Luiz. Laurence Sterne ou a reta desdenhada. In: _____. *O controle do imaginário & a afirmação do romance: Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 323-356.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. Tradução: Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

_____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. v. 2. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PAES, José Paulo. A armadilha de Narciso. In: _____. *Gregos e baianos: ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp. 37-48.

_____. Sterne ou o horror à linha reta. In: STERNE, Laurence. *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 7-38.

STERNE, Laurence. *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Recebido em 01/11/2014.

Aceito em 04/04/2015.